



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.715

CONTOS AFRO-BRASILEIROS DE MESTRE DIDI: GUARDIÕES DA MEMÓRIA E DA ANCESTRALIDADE.

Antonio Marcos dos Santos Cajé*
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Resumo

Este trabalho visa apontar e interpretar o papel dos símbolos e signos através da visão cultural dos contos de Mestre Didi, não se trata de símbolos que esta oculto nas narrativas dos contos, mas de elementos intrínsecos dela que se investem de valores simbólicos para a cultura e a história. O que me motivou a proceder a este artigo como pesquisa foi o forte interesse quanto aos elementos dos contos nas ações populares das tradições orais, que surgem conforme a leitura, no discurso narrativo da obra de Mestre Didi. O sistema simbólico permite abarca os olhares epistemológicos e o senso comum onde estes símbolos e signos trazem representações do inconsciente coletivo de um povo.

Palavra chaves: Símbolos; signos; cultura e história, ancestralidade.

Introdução

A compreensão palavra símbolos tem sua origem no Latim *Symbolum*, que significa “marca, símbolo” este, por sua vez, é derivado do grego clássico *Simbolon*,

* Bolsista da Fapesb – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

“senha garantia”. Esta palavra grega é formada por *SYN*, que significa junto, e *BALLEIN*, que tem o significado de “lançar, arremessar, atirar”, sua tradução literal seria “atirar junto”. É algo que representa uma ideia, uma entidade física ou um processo. Já o signo indica algo, marca. Diante destas compressões sucintas dos termos símbolos e signos, analise da mesma nos contos de Mestre Didi, no entanto é muito mais ampla densa, pois diante dos contos existem a história cultural que carrega percepções de um povo africano e dos afrodescendentes, pois os contos contam muito mais que fabulas eles contam a historiografia e a diáspora.

Analisar os contos literários de Mestre Didi, possibilita ampliar a cultura e descortinar os elementos da história com a junção literária. Da literatura com proporção da multireferencialidades históricas dos saberes ocultos e às vezes silenciados nas narrativas dos contos. Sendo que muito dessas literaturas narradas nas escritas e na oralidade guarda os símbolos e signos que manifesta-se como acervo da cultura, seus personagens literários retrata parte do real e do imaginário. Os contos como material histórico mesclando com realidade e não realidade envereda em um caminho tão fantástico que absorvem a história e cultura através de tradições orais e de sujeitos como autores e atores. A interpretação simbólica dos contos permite perceber pela literatura uma estrutura que ultrapassa o ato de simplesmente ler constrói uma interpretação histórica compartilhando do ponto de vista de Robert Darnton permito transcrever uma longa citação:

A generosa visão do simbolismo que tem Bettelheim fornece uma interpretação menos mecanicista do conto do que a resultante do conceito de código secreto que tem Fromm, mas também decorre de algumas crenças não questionadas quanto ao texto. Embora cite comentaristas de Grimm e Perrault em números suficiente para indicar alguma consciência do folclore como disciplina universitária, Bettelheim lê “Chapeuzinho Vermelho” e os outros contos como se tivessem histórias alguma. Aborda-os, por assim dizer, horizontalizados, como pacientes num divã, numa contemporaneidade atemporal. Não questiona suas origens nem se preocupa com outros significados que possam ter tido em outros contextos, porque sabe como a alma funciona e como sempre funcionou. Na verdade, no entanto, os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser

interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram. (Darnton, 2014, p.26).

Diante do lido acima os símbolos nos contos comunica a história cultural de uma nação de uma etnia, nos contos de Mestre Didi a ancestralidade do povo nagô está implícita seja pelos contos de procedência “do sagrado, sejam eles escritos ou orais, que são relatos vivos dos deuses se relacionando com o indivíduo em todas as esferas interpessoais e místicas” (Cajé, 2014). Os símbolos e signos articulassem de maneira sublime na escrita como na oralidade como diz Juana Elbein:

A interpretação do símbolo, uma vez descoberto seu nexos ontogenético, seu ou seus referentes, permite-nos tornar explícita a realidade fátual. Já dissemos que não entendemos o símbolo com um significado constante; sua interpretação esta sempre em relação a um contexto. Sua mensagem esta em função de outros elementos (Santos 2008, p.23).

Os símbolos nos contos possuem fins peculiares e pertinentes ao homem, pois mesmo às vezes ocultos ou desvelados manifesta-se como dinamizador da cultura e tornando um mecanismo de evidencias e sinais para história. Como diz Ginzburg “poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegando a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea” (Ginzburg, 1989), os símbolos e signos encontrados nos contos faz o indivíduo observar suas necessidades caso existam e distinguir variantes culturais e ao mesmo tempo uma identidade. A própria concepção do conto por si mesma já podem ser compreendida como símbolo-signo uma unidade completa e quando nos deparamos com a leitura e suas interpretações usamos esse objeto como unidade simbólica ou um a representação simbólica.

O nível da interpretação simbólica permitiu-me penetrar, abarcar e tornar inteligível certos aspectos dos dados fatuais que não poderia ter apreendido de outra forma. É particularmente frutuoso, quando aplicado a uma disciplina consagrada ao estudo das “ações não-poéticas”, de ritos, formalizações, dramatizações... artes não aplicadas” (apud Santos,2008, p.25)

Como foi comentado no início lançaremos um olhar epistemológico dos símbolos e signos nos contos de Mestre Didi, sendo que utilizaremos adiante dois contos para revelar alguns elementos revelados.

Como é do conhecimento de todos, a cultura africana foi encaminhada para o Brasil pelos escravizados que foram arrancados e massacrados desde a chegada dos portugueses a descoberta do país, na sua transatlântica viagem como animais eles trouxeram consigo valiosos bens que proporcionou ao Brasil a cultura que é hoje, e nessa diáspora vigiada, acorrentada, humilhada eles também possibilitou a memória imaterial das narrativas orais que possuem signos e símbolos e dentro dos contos passamos a conhecer o sistema dinâmico e cultural destes homens e mulheres, suas guerras, seus reis com suas nações sua religião de matrizes africanas e seus contos seus mitos e isto está presente nos contos de Mestre Didi.

Objetivos

Investigar os contos afro-brasileiros de Mestre Didi, levando seus elementos constitutivos, a parte dos símbolos e signos dentro da sua narrativa e expressões literárias com representação da memória e ancestralidade.

Objetivos específicos

- Desvelar as observações encontradas nos contos de Mestre Didi como fonte histórica e cultural; como fonte de consciência do povo afro-brasileiro.
- Analisar os contos na perspectiva da ancestralidade e da tradição nagô no cenário brasileiro

O conto que passa pelo tempo que passa por nós

A vendedora de Açaçás que ficou Rica

Em uma cidade existia uma senhora que há muitos anos vendia açaçá e mingau pela manhã. Já se achando muito cansada, um dia, ela resolveu ir à casa do Babá Ifá pra saber o que ela devia fazer para deixar de vender mingau e açaçá, e viver mais descansada para o resto da vida, pois já estava um mucado velhinha. Depois de feita a consulta, Ifá disse para ela:

— Você me traga uma galinha, um porco, enfim tudo o que lhe ocorra pela cabeça.

Imediatamente ela saiu para dar as providências, a fim de conseguir as coisas, o mais depressa possível, para levar ao Babá Ifá, pois queria se ver livre daquela vida de qualquer jeito. Logo que conseguiu tudo que lhe pareceu suficiente para o trabalho que Ifá ia fazer, foi levar. Depois de feita a entrega, Ifá disse para ela:

— Vá, minha filha, dentro de sete dias vai terminar a grande guerra que esta sendo travada pelo general Ogun, muito perto daqui; na volta dele, você terá a recompensa merecida, obtendo uma melhor posição na vida, por todos estes anos que vem ajudando à alimentação de todo o povo desta cidade com seu acaçá e com seu mingau.

A velhinha foi-se embora e recomeçou a fazer seu mingauzinho com os com os acaçás. Quando completou sete dias, ela já nem se lembrava mais do que tinha feito, nem do que lhe tinha dito Ifá, quando viu e ouvi uma zoada e um bocado de soldados que vinham em sua direção com muitos gritos de satisfação, vivas e toques de tambores, parando em frente ao lugar onde ela estava vendendo. Nisto, um deles, que era o general Ogun, e que estava comandando toda aquela gente vinda da guerra com muita fome, chegou junto dela com toso o pessoal dizendo:

— Minha velhinha, não morremos na guerra, será que vamos morrer aqui com fome?

Em resposta ela prontamente, de muito bom grado, mandou todos se sentarem e começou a servir um por um. Terminada a refeição, Ogun que não tinha dinheiro nenhum para pagar o almoço, pois devorara com os companheiros tudo o que foi de comer da velhinha, pontual como era, dividiu com ela de tudo o que trazia de saques da guerra, ficando assim a vendedora de acaçás e mingau riquíssima, de surpresa. Esta transferência foi divulgada por todos os lugares do mundo. (Santos, 2003, p.111).

A análise do conto acima pelos símbolos e signos remete na perspectiva da literatura pela história possuem elementos culturais bastante relevantes observa-se que o sagrado esta simbolizado pelo oráculo Ifá que pelo axé (energia dinâmica) possibilita a velhinha uma vida melhor, no entanto essas energias ou Àsé (axé energia dinâmica elementar a vida) precisa ser doada para serem recebida neste caso pela oferenda, os signos do acaçá do mingau são elementos genéricos alimenta a vida, ou seja, o indivíduo. Podemos também observa pelo conto a

posição social que simboliza força e hierarquia quando Ogun aparece como general e não como Orixá e os soldados surgindo de um conflito que é a guerra.

Metaforizando as inúmeras possibilidades que este conto narra ao ser lido por cada pessoa, no entanto seus símbolos e signos contribuem como um elo essencial e necessário para as relações sociais e culturais, a relação da velha com o sagrado e com a generosidade e a recompensa no final a riqueza. O conto como diz Darnton (Darnton, 2014, p.26) “Os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais”, observando o conto de Mestre Didi acima a vivência com o mundo místico era algo que está presente constantemente na vida dos homens e mulheres seria algo propulsor na sociedade, algo como seguro social que alimenta a fé, assim como o mingua e o acaçá alimenta o corpo, a fé alimentava ou alimenta ainda hoje a ideia de cosmovida, enquanto ser e divino se entrelaça por signo que é o jogo oracular.

A velhinha representa à ancestralidade do povo africano e dos afrodescendentes a dicotomia do mágico/real. O fio condutor deste conto é a relação do imaginário com a tradição dos acontecimentos na sociedade.

Os personagens dos contos com suas múltiplas funções literária e histórica possuem uma função que é guarda os signos e símbolos culturais dos afrodescendentes, sendo assim essa simbologia nutre as mais variadas formas de comunicação que carrega de aspecto da diversidade e riqueza da cultura afro-brasileira. Podemos entender que a função simbólica é esta velada e se manifesta no processo de sociabilidade, funcionando assim a comunicação o entendimento. Os contos de Mestre Didi são constituídos de variados elementos deste a sua formação religiosa como Asipá, Alapini, sacerdote supremo do culto aos Baba-egun, como artista plástico, e homem negro, seus contos trabalha com a diversidade humana, pois são contos que basear-se nos símbolos do sincretismo, nos contos fabulados e cosmogônicos (contos baseados nos mitos), nas próprias relações sociais, pois muitos contos possuem visões da história cultural sejam da Bahia-principalmente do recôncavo baiano, como da diáspora contos africano.

Um dos principais alicerces da cultura são os símbolos e signos, a linguagem e os costumes e outras composições axiológicas, que também obvio alimenta o sistema dinâmico das relações humanas, nos símbolos e signos que é a ideia central do artigo, que nos direciona a uma magnífica compreensão da cultura, trazendo novamente o personagem do conto acima Ogun que simboliza o homem forte que traz consigo a vitória a força, na tradição cultural do pantaleão ioruba expressar símbolos é conotação de existência, tantos aos ancestres como aos que vivem.

A cultura é o movimento da ancestralidade. A ancestralidade é como um tecido produzido é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido esta a verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência. A ancestralidade é um tempo difuso e um espaço diluído. Evanescente, contém dobras. Labirintos se desdobram-se no seu interior e os corredores se abrem para o grande vão da memória. A memória é precisamente os fios que compõem a estampa da existência. (Oliveira, 2007, p.245).

Na citação acima do doutor e professor Eduardo Oliveira, é clara importância de tecer nossa ancestralidade como cultura que se procela no tempo e espaço, no conto a personagem a Velhinha é a personificação da mulher como elemento que simboliza a ancestralidade feminina que trabalha que manuseia o alimento que é fonte para vida humana, que dialoga com Ogun que interrompe sua fome e dos seus soldados. A ancestralidade representa este conto e vários de Mestre Didi, pois é na mesma que se encontra a força da história das tradições oral, a história como fonte literária e documental de um povo de uma nação é essa ancestralidade que alicerça a cultura iorubana e outras do continente africano.

Os contos ilustram o acervo de textos místicos, acontecimentos históricos (inclusive os ocorridos na orbita da sociedade global com seus integrantes) que, marcados por sua intemporalidade narrativa e sua característica fantástica de representações, reforçam e ensinam os padrões e valores indicativos dos comportamentos necessários a coesão do grupo, os contos narrados ilustram o significado de conhecimento e de moral das diversas representações simbólicas que ensinam e dirigem a socialização.(Luz, 2011,p. 95).

A citação acima afirma a importância das narrativas dos contos com seus emblemas e sinais, que evidencia uma cultura um povo, e nos contos de Mestre Didi essa cosmovisão assegura e promove a comunicação e socialização pelas diversidades, por este sistema simbólico que surgem as relações onde a linguagem se manifesta com a literatura e a história.

Os símbolos e signos guardiões da memória

Mas entre os Gregos, da mesma forma que a memória escrita se vem acrescentar à memória oral, transformando-a, a história vem substituir a memória coletiva, transformando-a, mas sem a destruir. Divinização e, depois laicização da memória... (Le Goff, p.438,1990)

A memória sem dúvida ao aliar-se aos símbolos e signos representa a forma constituída do progresso do indivíduo, seja pelo seu passado ou pelo futuro, não de maneira anacrônica, mais de maneira intrínseca aos elementos a quem se possibilita a se mostra ou a lembrar. Lembrando que a concepção de memória citada acima de Le Goff, matura-se na ideia que os contos de Mestre Didi, que partem do princípio da escrita para a oralidade, ou vice-versa, a centralidade deste aspecto é que a memória é compilação de informações, ou seja são documentos que nos faz entra em contato com nossa ancestralidade e nossa cultura, é fazer lembrar o que foi esquecido e fortalecer o que é lido e lembrado.

E os contos de Mestre Didi trabalha muito bem com a memória e com o conceito teórico de memória de Le Goff, essas memórias são passagem da oralidade das tradições orais Nagô para à escrita, passando assim a memória coletiva com influências divinas (da religião de matrizes africanas), são memórias que assegura com ênfase a história do povo negro e da diáspora, sendo os símbolos principalmente um elemento para encruzilhada documental dos contos como processo de acervo histórico pela memória.

Os símbolos mais que os signos são marcantes e relacionam com mais movimento, o símbolo do açaçá e do mingau além de representar alimento, traz a ideia da afetividade o mingau, por exemplo, lembra o carinho a proteção, já o açaçá é um símbolo que representa o alimento que simboliza uma língua iorubana, uma dicotomia entre o sagrado que alimenta os deuses, e a ideia de um símbolo forte. A luz que os contos afro-brasileiros de maneira genérica e principalmente nos contos de Mestre Didi elucidam a cultura por vários feixes dos afrodescendentes e das culturas africanas como um processo narrativo que se relacionam pela singularidade ao plural fortalece a história oral, é pelo sistema simbólico e dos signos os contos narram como acervo documental que se utiliza da literatura como mecanismo organizador, sendo um matrimônio imaterial da cultura.

Mestre Didi vai mesclando a cultura, o cotidiano o sagrado nos seus contos com reflexões simbólicas que reconstrói a busca pela diversidade a função do símbolo é nos contos de acervo de manter vivos os costumes de um povo, e muitos dos seus contos os signos são logo revelados e já em outros contos ele se mantém ocultos como assim deve ser! Os símbolos de maneira alguma parecem isolados, pelo contrário o símbolo une-se a uma determinada cultura e neste caso como estudamos o conto de Mestre Didi a cultura está fortemente baseada na diáspora dando lugar a uma composição simbólica. Pois quando analisamos ou estudamos os símbolos e signo nas narrativas de Mestre Didi é necessário fazer a comunicação entre as relações na narrativa lida, o símbolo por ele mesmo não se revela, não se manifesta como tal, para que o símbolo de maneira genérica é necessário aplicá-lo a um fato ou ao sistema que se comunique ao objeto neste caso podem ser pela cultura, sagrado pela ética e moral, e isto está bastante presente nos contos de Mestre Didi.

Os contos como acesso ao saber e ao conhecimento seja ele narrativa do imaginário fantástico, ou contos baseados em fatos reais, nas relações de poder, nos contos africanos seu sistema simbólico ali está presente. Portanto a compreensão de um símbolo ou mais de um deles necessita que o leitor(a), desenvolva um análise intercultural, pois a variantes na interpretação seja nos contos escritos ou contos orais, para que não ocorra um equívoco na interpretação

desses contos pelos símbolos, neste caso é de profunda importância saber sobre a cultura que envolve sua narrativa, como foi dito no artigo a cultura que Mestre Didi, fundamenta seus contos são afro-brasileiras e africanas. Haja vista que os símbolos abarcam a subjetividade, sendo assim um produto de ponto de vista de quem ler, obvio que não podemos limitar a fonte de interpretação do leitor (a), pois a leitura é um processo inesgotável, mas fica atento o que o símbolo relata direciona seus significados. Neste caso deixamos claro que análise dos símbolos e signos nos contos de Mestre Didi é entrelaçar com sua cultura: costumes, valores e a própria religiosidade do sagrado.

Considerações Finais

O conto a vendedora de acaçá tem símbolos e signos que desvela-se para tecer a cultural e impulsionar com veemência o imaginário fantástico da literatura e a história como ferramenta que torna os contos como documento histórico, ou seja os contos populares de Mestre Didi, não somente distrai, alegra quando se ler, ele é mecanismo historiográfico que possibilita a compreensão da diáspora e da cultura dos povos negros.

Todavia a literatura dos contos de Mestre Didi ressalta com peculiaridade um estilo que vai do fantástico ao sagrado, uma combinação essencial, da interpretação de uma cultura e principalmente os contos analisados pelos signos e símbolos proporciona uma visão da cosmovisão da cultura negra é utilizar a lógica e a epistemologia conjugada com o senso comum dos contos populares, é torna um sistema dinâmico genérico, é comunicar e apresentar a cultura afro-brasileira como é e como pode ser. A obra literária de Mestre Didi é uma poderosa síntese de impulsos e ideias diversas, em seus contos encontramos símbolos de interação social, coletivo e cultural.

Referências

BURKE, Peter (org.): A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, Ed. da Unesp, 1992.

CAJÉ, Marcos. Afrocontos: Ler e ouvir para transformar. Salvador: Quarteto, 2014.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Machado de Assis, historiador. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

DIDI, Mestre. Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: *Ákójopòl̀tànÁtenudénuÍran Omo Odùduwànil̀lè Bahia (Brasil)*. Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

_____. Yorubá tal Qual se Fala, Tipografia Moderna, Bahia, 1950.

_____. Porque Oxalá usa Ekodidé. Salvador: Ed. Cavaleiro da Lua, 1966.

_____. História da Criação do Mundo. Olinda Ilustração Adão Pinheiro, 1988.

_____. Ancestralidade Africana no Brasil, Mestre Didi: 80 anos, organizado por Juana Elbein dos Santos, SECNEB, Salvador, Bahia, 1997, CD-ROM - Ancestralidade Africana no Brasil.

_____. Contos negros da Bahia e contos de Nagô. Salvador: Corrupio, 2003.

_____, Luz, Marco Aurélio. Salvador: Fala Nagô, 2007

_____. História de um terreiro Nagô. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUZ, Marco Aurélio, Cultura negra em tempos pós-modernos. Salvador: EDUFBA, 2006.

_____. Cultura negra e ideologia do recalque. Salvador: EDUFBA, 2011; Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: editora Gráfica Popular, 2007.

SANTOS, Elbein J. dos. Os Nagôs e a Morte. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro